

## Tematizando o Funk nas aulas de Educação Física Escolar.

Marcos Ribeiro das Neves

Este trabalho foi realizado em uma Escola Municipal de Ensino Fundamental, localizada na Zona Norte de São Paulo, no bairro da Vila Maria. Esta Unidade Escolar atende em torno de 630 estudantes em dois turnos. O projeto foi desenvolvido com a turma do 5º ano B, no período da tarde, durante aproximadamente três meses, no primeiro semestre de 2011.

A seleção da manifestação cultural Funk, como objeto de estudo nas aulas de Educação Física deveu-se a alguns motivos. Primeiramente, como docente de Educação Física me envolvi com o grêmio estudantil e uma das propostas da chapa eleita era ouvir músicas na hora do recreio. Porém, em determinado momento, as músicas de Funk selecionadas pelos estudantes foram vetadas. Além disso, afixaram na porta da sala de música um cartaz que dizia: “proibido tocar Funk”. Outra razão que nos levou a optar pelo Funk, foi a percepção da existência de muitos garotos do 9º ano que eram MC’s de Funk (cantores) e que, quando questionados sobre a presença de danças e Funk no currículo escolar, disseram nunca terem estudado tais manifestações. Imediatamente percebi, que o currículo estava colonizado. Por último, na reunião de Planejamento que acontece no início do ano, foi definido pela equipe gestora (coordenação pedagógica, direção) e pelos professores que o tema da Feira Cultural (evento que ocorre todo ano no mês de Outubro) e do Projeto Especial de Ação (PEA) seria “Diversidade Cultural e Globalização”. Sendo assim, os diversos componentes curriculares deveriam selecionar temáticas congruentes para serem estudadas durante o ano letivo e que pudessem gerar produtos que comporiam a apresentação da festividade escolar.

Outras metas da Unidade foram selecionadas e levadas em conta no início do ano, como: trazer a comunidade que vive no entorno da escola para o seu interior e tentar trabalhar com o protagonismo Juvenil. Como se verá adiante, tais elementos foram

fundamentais na organização de algumas atividades de ensino que caracterizaram o trabalho.

Este contexto permitiu-me tematizar o Funk com as turmas do 5º e 6º anos do Ensino Fundamental II. Tematizar segundo Neira e Nunes (2009), com base na escrita de Sandra Corazza significa:

...abordar algumas das infinitas possibilidades que podem emergir das leituras e interpretações da prática social de cada manifestação. Tematizar implica procurar o maior compromisso possível do objeto de estudo em uma realidade de fato, social, cultural e política. O que se pretende com a tematização é uma compreensão profunda da realidade em foco e a capacidade crítica dos alunos como sujeitos do conhecimento, desafiados pelo objeto a ser conhecido (p. 261).

Esta escolha política me levou a adentrar em um assunto que até então não tinha muito conhecimento, o que me causou estranheza e uma sensação de incerteza. Não tinha ideia de como começar o trabalho, mas imaginei que a escolha seria um convite para aprender com os alunos muito mais do que ensiná-los. A medida em que emergiram as narrativas sobre o assunto senti a necessidade de estudar mais sobre ele a fim de obter maior suporte no momento de organizar as atividades de ensino.

Neste relato, descrevi o trabalho feito pelo 5º ano B, porque, ao problematizar o tema durante o mapeamento surgiram discursos preconceituosos com relação à etnia proferidos pelos estudantes. Com base no referencial teórico dos Estudos Culturais, resolvi adentrar neste território com o objetivo de produzir novas subjetividades e caminhar na construção de uma política cultural no interior de um currículo que historicamente valorizou os saberes de apenas uma cultura:, a branca!

Para iniciar o trabalho, realizei um mapeamento do patrimônio cultural dos alunos. Pedi que pegassem o seu celular que guardavam nos bolsos para socializarem com os demais colegas as músicas que mais ouviam no momento. Grande parte dos alunos mencionou o Funk. Comecei a questioná-los sobre o que era o Funk, a fim de identificar quais eram suas representações sobre a manifestação. A problematização inicial consistiu no lançamento de algumas perguntas sobre seus conhecimentos sobre a dança, aonde

aprenderam a dançar, se conhecem pessoas que cantam (MC), se já foram em bailes Funk, etc.

Depois de registrar tudo na lousa, anotei no meu caderno de registro e no final da aula, pedi que trouxessem para o próximo encontro, músicas de Funk gravadas no celular, CDs e DVDs que tinham em casa. Utilizei estes recursos pedagógicos para que todos nós pudessemos escutar e analisar as letras e imagens, além de ressignificar nossos saberes sobre a manifestação corporal.



Depois de coletar as informações, iniciei a construção do meu Plano de Ensino. Tomando com base as Orientações Curriculares da Prefeitura Municipal de São Paulo, selecionei algumas Expectativas de Aprendizagem, levando em conta o cabedal de dados que possuía sobre a escola, os alunos e o tema.

- Reconhecer e vivenciar a pluralidade musical e a diversidade de manifestações da dança presentes na comunidade.

- Interpretar textos pertencentes às diversas esferas literárias concernentes à manifestação corporal dança, a fim de aprofundar o conhecimento adquirido nas diversas vivências.
- Vivenciar processos de criação e improvisação de danças.
- Elaborar e participar de pequenas coreografias a partir das manifestações de dança pertencentes ao seu grupo cultural.
- Mediante as vivências e situações didáticas, relacionar as manifestações culturais da dança ao contexto em que são produzidas e reproduzidas (comunidades, contexto sociais, históricos e político).

Para avaliar o trabalho em desenvolvimento, utilizei o mapeamento e o registro escrito, fotos e filmagem das aulas. Na avaliação final, utilizei a paródia. A paródia colocaria o aluno na condição de produtor cultural e não apenas como mero reprodutor, pois entendo que a cultura está sempre em movimento, tem sua plasticidade e a escola é um espaço importante para que isso ocorra.

Trazer a cultura popular para dentro da escola e transformá-la em tema curricular, para alguns atores do currículo (professores e funcionários) causou certa desaprovação. Ao iniciar o projeto de estudo, comecei a perceber que a manifestação escolhida incomodava alguns docentes em função dos conteúdos das letras. Emergiram discursos de preconceito, pois, segundo queixosos a escola não era espaço para se estudar Funk, “Funk é música que fala coisas ruins”. Mesmo assim, com algumas divergências, dei prosseguimento ao trabalho.

Na continuidade das aulas, os estudantes trouxeram algumas músicas gravadas no celular e em CDs. Questionei sobre o tipo de Funk que representavam e pedi-lhes que demonstrassem alguns passos. Após arriscarem uma vivência, organizamos uma roda e cada um demonstrou o que sabia. O Funk que estávamos escutando era classificado por eles/as como Batidão (um gênero da manifestação que fala sobre a realidade vivida pelas pessoas da comunidade). Apareceram também os nomes dos passos (Psy, Jacaré e Frevo). Este momento foi marcado pela socialização dos saberes.

No dia seguinte, antes do início das aulas, a mãe de um dos alunos procurou-me para saber o porquê de se estudar Funk na escola. Depois de explicar qual a função social

da escola, a função social da Educação Física e os problemas que estávamos enfrentando no cotidiano devido à diversidade presente na instituição, ela se sentiu mais aliviada e pareceu entender todo o esforço e preocupação na abordagem daqueles conhecimentos. Talvez, pensei depois da conversa, se a escola tivesse proposto uma reunião de pais na primeira semana e os/as docentes explicassem o que os alunos estudariam durante o ano poderíamos evitar o mal entendido.

Na continuidade das aulas, trouxeram CDs do MC Catra e MC Lon, discutimos os conteúdos das letras oralmente e depois foi realizada uma roda de Funk. Os alunos dançaram e apresentaram seus passos, depois chamavam outro colega para dançarem dizendo que nas rodas de Funk existe uma batalha de dança, na qual a pessoa que está dentro realiza seus passos e quando acaba de dançar aponta o dedo para outra pessoa que é convidada a dançar e realizar seus passos também, assim, todos têm a oportunidade de dançar.

Durante esta aula pude perceber que aqueles/as estudantes que eram considerados por alguns docentes como bagunceiros e rotineiramente convidados a se retirarem da sala, contribuíram com seus saberes e demonstraram para todos um pouco de seus conhecimentos.

Na tentativa de aproximar a escola da comunidade, convidei um ex-aluno que é cantor de Funk e que mora no entorno da escola para participar de uma entrevista. Organizamos previamente um questionário. Os alunos/as elaboraram as perguntas que consideravam pertinentes enquanto eu as registrava na lousa. Em seguida, eles as registraram no caderno de Educação Física.

Na data agendada recebemos o Jonathan. Durante a entrevista, os estudantes perguntaram como ele aprendeu o Funk, como cria suas músicas e pediram para ele cantar algumas delas. Posteriormente à aula fiz meu registro e pude perceber que a entrevista contribuiu para eles entenderem como é composta uma música, quais são as dificuldades para manter-se como cantor, e outras coisas, mas, a meu ver, faltou uma ampliação dos gestos, pois um dos alunos pediu para ele (Jonathan) ensinar alguns passos novos e ele respondeu que não sabia dançar.

Analisando o percurso que o projeto ia traçando, conversei com a coordenadora pedagógica e com a diretora da Unidade Escolar, a fim de explicar o que estava ocorrendo e como caminharia dali por diante. A partir daquele momento, todo dia que eu chegava para trabalhar, o MC Jonathan me aguardava na porta. Segundo ele, estava achando o trabalho bom e queria muito me acompanhar nas aulas de Educação Física. Ele se tornou um parceiro e fez grandes contribuições.

Após refletir sobre o dia da entrevista ao MC com a turma, organizei uma atividade de ensino que possibilitou aos alunos ampliarem as fontes sobre o Funk. Pedi para falarem alguns nomes de cantores/as e MCs de Funk e, na condição de escriba, comecei a registrar na lousa seus nomes, letras e diferenças na forma de dançar. Surgiram, Valeska Popozuda, MC Lon, MC Marcinho características que os distinguem, letras que falam de sexo, violência, poder da mulher, diferenças na forma de dançar tais como, passos de agachar e rebolar, frevo e psy. Antes de acabar a aula, pedi para socializarem as diferenças dos passos com os demais colegas e neste momento, alunas do 7º ano que pertencem a comunidade boliviana (Uendy e Uara) vieram falar comigo. Ficaram sabendo que estávamos estudando o Funk e pediram para eu deixá-las mostrar como se dança Funk na Bolívia. Convidei-as a entrarem na sala de aula e demonstrar o que sabiam. Percebi que os alunos que participavam da vivência ficaram meio tímidos, alguns deram risadas, mas de um modo geral o contato foi interessante. Logo fiz um convite para voltarem na próxima semana. Percebi que se tratava de um bom momento para o grupo reconhecer e valorizar os conhecimentos de um grupo cultural, que muitas vezes sofre preconceitos na escola.

Para valorizar os saberes das colegas, organizei outro questionário com a turma e recebemos à Uendy e à Uara na sala de informática, para que apresentassem alguns vídeos de pessoas dançando o funk na Bolívia. Entrevistamos as alunas e depois fizemos uma vivência daquilo que elas apresentaram.

Observei que os alunos do 5º ano já não se referiam a elas como as “bolíviaianas” e que seus conhecimentos estavam contribuindo para a produção de novas subjetividades, novos saberes referentes a manifestação estudada. Essa impressão adveio da constatação de expressões como: Nossa! Não sabia que existia funk na Bolívia. A Uendy e a Uara sabem bastante sobre o Funk Boliviano, lá o Funk parece com o Hip Hop!

Na aula seguinte, dividi a turma em grupos. Cada qual deveria pesquisar uma variação do Funk, apropriar-se da gestualidade e depois convidar os colegas para conhecer e vivenciar os passos. Um grupo pesquisou sobre o Funk Melody, outro sobre o Funk Teckno, Pancadão, etc.

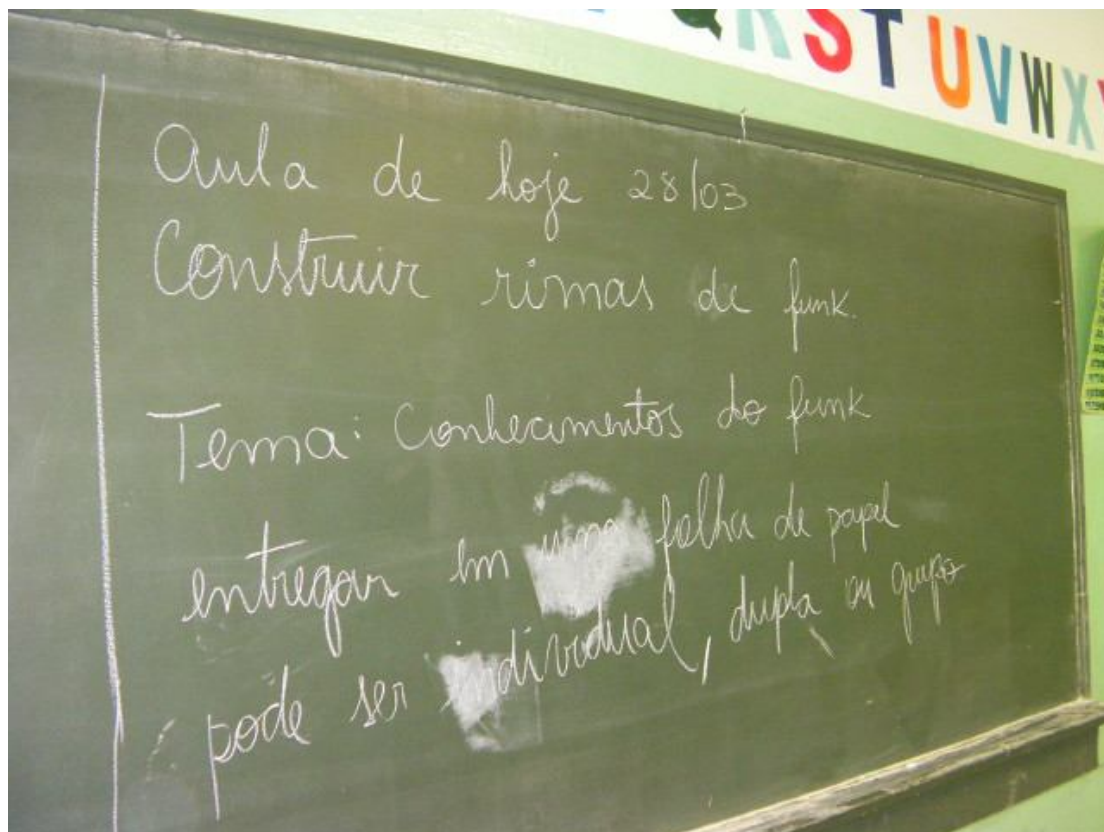
Em alguns momentos realizamos as vivências dentro da sala de aula. Foi o espaço que encontramos para que eles/as pudessem dançar menos inibidos/as, principalmente as meninas que se sentiam envergonhadas ao dançarem no pátio da escola devido aos olhares preconceituosos de alguns funcionários que, também residem no bairro e conheciam seus familiares.

Para lidar com alguns discursos de preconceito que emergiram no momento do mapeamento, recorri à arqueologia genealógica como mecanismo de diferenciação pedagógica para aprofundar o estudo sobre a manifestação. Estudamos um pouco da história do Funk e analisamos um vídeo do James Brown, cantor americano reconhecido como um dos criadores do Funk nos Estados Unidos. Também lemos e discutimos um texto que discorria sobre a origem do Funk dentro da igreja e toda sua história com a luta política que os negros travavam no seu cotidiano. Neste caso, utilizavam a música como meio de protesto. Já o vídeo, nós discutimos sobre a diferença dos passos naquela época e as transformações que a dança sofreu quando foi hibridizada por outras culturas.

Durante a atividade muitos alunos disseram jamais imaginar que o Funk nasceu dentro da igreja e que existiam diferentes formas de dançá-lo como aquela do cantor James Brown. No final da aula uma das alunas disse achar importante a discussão sobre os negros, foi então que iniciei uma problematização sobre o que é ser negro na sociedade.

Na aula seguinte, discutimos também algumas narrativas coloniais de preconceito como, hoje o dia está preto (com a intenção de dizer que o dia está ruim) amanhã é dia de branco (dia de trabalhar), entre outras. Discutimos sobre a representação do negro na sociedade e no Funk. Daí talvez o reconhecimento e a construção do Funk da forma que ele é na sociedade, afinal de contas, o que é ser negro em uma sociedade que em grande parte valoriza mais a cultura branca? Por que se pensa que Funk é ruim e outras coisas não? Como isto é construído em nós? E a quem interessa essa construção?

Na sequência, utilizei os conhecimentos reunidos durante a entrevista do MC Jonathan e organizei algumas atividades de ensino centradas na elaboração de letras do Funk com a ajuda do próprio MC. Os alunos socializaram suas construções que tiveram o tema “os conhecimentos do Funk” e como produção final acabaram produzindo diferentes composições como: o Kit da prefeitura, o camburão e o Funk das novinhas, músicas criadas por eles/as.



Depois de três meses de estudo, notei que era o momento de finalizar o projeto discuti com os/as estudantes como faríamos a avaliação final. Sugeri que escolhessem um dos três caminhos escolhidos por mim: a paródia que foi pensada no início do trabalho, a construção de coreografias em grupos heterogêneos pois era uma das expectativas elencadas no plano de ensino e a construção de um gibi. Depois de refletirem, definiram que fariam as três formas escolhidas e ainda se propuseram a organizar um mural com toda a produção deles: letras, fotos, músicas e coreografias.



Neste dia utilizamos o pátio da escola para a apresentação da avaliação final, cada grupo ficou responsável pela sua construção. Na foto abaixo, o mural completo.



Avalio que o acesso há vários discursos sobre a manifestação cultural estudada, permitiu a produção de outras subjetividades, diferentes daquelas inicialmente proferidas por eles e elas no início do projeto.

Constatei, que por meio de um currículo pós-crítico em um espaço que a diversidade cultural está cada dia mais presente, a Educação Física pode realizar uma de suas funções sociais que é contribuir para que os estudantes se posicionem criticamente quando estiverem discutindo as manifestações corporais estudadas dentro da escola em outros espaços existentes na sociedade. Pude perceber com o projeto realizado que, o Funk já não era apenas visto como algo que mostrava baixaria, mas sim um gênero musical pertencente a um determinado grupo e que foi criado pela necessidade de lutar por seus direitos mínimos, e que hoje é apropriado por diferentes grupos culturais com diferentes representações.

Entre erros e acertos, conflitos, risos e descobertas busquei construir o currículo coletivamente e no diálogo com a turma do 5 ano B. Para mim tratou de uma experiência interessante pois me apropriei de diferentes conhecimentos trazidos pelos alunos. Durante o trabalho, os/as estudantes tiveram contato com procedimentos pedagógicos diferentes daqueles que anteriormente tiveram acesso, entrevistaram, pesquisaram, construíram, discutiram, discordaram, vivenciaram os passos em diferentes espaços da escola, participaram das aulas dançando, registrando, escrevendo, observando, assim, acredito eu, caminhamos no sentido de realizar uma política cultural contra hegemônica, valorizando os saberes da cultura negra em um espaço que historicamente privilegiou apenas a cultura dos brancos.

Por fim, dedico com carinho esta escrita, aos meus queridos alunos e alunas daquela turma, ao MC Jonathan, à Uendi e Uara, Obrigado!

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

NEIRA, M. G.; NUNES, M. L. F. **Educação Física, currículo e cultura**. São Paulo: Phorte, 2009.